

1. Em busca de um lugar de fala

Não foi fácil a escolha de um tema e de um objeto para esta dissertação. Fiz minha graduação em história e, logo em seguida, entrei para o mestrado em letras. Nos meus primeiros meses como mestranda me empenhei, entre aulas e conversas com amigos e com professores, a entender que lugar eu poderia ocupar no curso. Ou melhor: o que eu tinha para oferecer para o mestrado em letras e o que ele, por sua vez, tinha para me oferecer. Agi como uma estrangeira em busca de identificações no novo lugar que eu ocupava. Fui bem recebida no novo país.

Tive que, aos poucos, me soltar das amarras da história. Não por obrigação, mas porque percebi que precisava me desprender de antigos ensinamentos para me abrir a novos. Se por um lado grande parte dessa dissertação é resultado dos meus estudos dos tempos da graduação, onde aprendi a me empenhar em minha leituras de maneira não superficial, a analisar textos e documentos de forma minuciosa, a desenvolver um pensamento crítico sobre meus objetos e a respeitar os ensinamentos do passado, por outro lado tive que aprender a olhar para um texto e não encará-lo como um documento, a me desprender de alguns dos seus dados factuais, a não procurar sempre uma justificativa histórica para meus temas de estudo e fui voltando cada vez mais meu olhar e meu interesse para a contemporaneidade – esse último ponto já desde o final da graduação. Comecei a achar que os mecanismos e a abertura para a ficcionalização do texto literário eram mais interessantes que seu caráter documental e a me interessar mais pelo texto em si do que pelo seu contexto histórico.

Paralelamente à minha empreitada acadêmica fui, nos últimos anos, me aproximando da prática fotográfica. Fiz alguns cursos de fotografia, sempre técnicos, aos poucos fui me profissionalizando e iniciei minha ainda recente

carreira como fotógrafa. Tinha lido poucos trabalhos teóricos sobre fotografia, mas queria fazer meus interesses práticos e teóricos convergirem. Situada entre a história, a literatura e a fotografia, em busca de um lugar de fala, transitei entre milhares de páginas de diversos livros até que conheci *O Fotógrafo: Uma história no Afeganistão* e tive certeza de que eu trabalharia com ele na minha dissertação. A abertura que o curso de pós-graduação de letras da PUC-Rio dá para objetos não canônicos de estudos permitiu que eu trouxesse uma história em quadrinhos para uma discussão teórica.

Conheci *O Fotógrafo* quando investigava despretensiosamente as prateleiras de uma livraria – provavelmente esperando a sessão de um filme começar. Duas características do livro despertaram meu interesse nesse primeiro contato: a atenção dada à fotografia, desde o seu título ao seu conteúdo, e alguns paralelos com os trabalhos do quadrinista Joe Sacco, que eu tinha conhecido há pouco tempo e que me encantara. Quando fui apresentada ao trabalho deste último, estava estudando sobre Edward Said e tinha como objetivo fazer a monografia de uma disciplina do mestrado sobre seu livro com o fotógrafo Jean Mohr, *After the Last Sky: Palestinian Lives*. O primeiro livro de Sacco que li, *Palestina*, recebe um prefácio de Said encantado com o trabalho do quadrinista.

Além dos capítulos convencionais, dos quais falarei em seguida, esse trabalho inclui alguns textos entre-capítulos, os *Entreatos*. São pequenos textos sobre livros ou trabalhos que apresentam algumas relações com as questões que desenvolvo sobre *O Fotógrafo*. Estão à parte da estrutura tradicional de uma dissertação, mas inseridos ao longo dela. Por isso, eles não fazem parte de nenhum capítulo, são outras aberturas de leitura. Carregam, eu espero, o leitor de um capítulo até o seguinte, mesmo que de forma breve. Optei por não fazer uma análise direta da relação desses outros trabalhos com *O Fotógrafo*, mas, ao invés disso, deixar que o leitor faça suas próprias associações. De alguma forma eles estão citados no corpo da dissertação. Essa opção de escrita cria momentos diferentes de leitura, que abrem caminho para além da dissertação, como espécies de entradas com rotas a seguir em outras direções. Se aproxima também da construção fragmentária própria dos quadrinhos e da sua pluralidade de linguagens. Além disso, apresenta trechos com diferentes tons, que poderiam, inclusive, ser lidos separadamente.

O primeiro dos “entreatos” versa sobre o trabalho de Said e Mohr que citei há pouco, *After the Last Sky*, por ter, de maneira indireta, guiado minha escolha por *O Fotógrafo* como objeto dessa dissertação. O segundo deles, como não poderia deixar de ser, tematiza aquela leitura que se desdobrou à de *After the Last Sky*: o livro *Palestina*, de Joe Sacco. Incluo ainda nesta seção uma entrevista que fiz com o quadrinista via internet. O terceiro *entreato* traz o conhecido livro de Art Spiegelman para a roda, *Maus: a história de um sobrevivente*, citado constantemente como um dos trabalhos mais relevantes e consistentes sobre o Holocausto e exemplo de seriedade e maturidade que as histórias em quadrinhos alcançaram nas últimas décadas. Dentre esses três livros, foi o primeiro a ser criado.

No capítulo que se segue à esta introdução, investigo a linguagem das histórias em quadrinhos, recorrendo a alguns teóricos dos quadrinhos e da imagem. Traço um pequeno histórico do seu desenvolvimento e das relações estabelecidas entre imagem e texto ao longo da história. Em seguida, defino de que forma vou analisar a relação entre imagem e texto em *O Fotógrafo*, para então adentrar o livro e descrever alguns de seus mecanismos de construção e elaboração. Fechando o capítulo, reflito sobre alguns dos possíveis movimentos de leitura/olhar que o leitor/espectador pode estabelecer com um livro narrativo composto de imagens e palavras.

No terceiro capítulo me volto para o conteúdo do livro, especialmente para a dupla abertura de escrita que seus autores lançam mão: a escrita sobre si e a escrita sobre o outro. Essa reflexão se atrela à questão da coautoria de *O Fotógrafo*. A narrativa em primeira pessoa, sobre a experiência de Lefèvre no Afeganistão, tem uma tripla autoria, por isso apresenta ao mesmo tempo um teor autobiográfico e um biográfico. E o relato sobre a vivência do fotógrafo problematiza também a relação e o olhar de Lefèvre para o outro, em especial para o Afeganistão e os afegãos. Recorro ao (auto)retrato e ao fotojornalismo enquanto imagens que falam sobre o “eu” e o “outro”, para então pensar em algumas das questões discutidas ao longo do capítulo em uma leitura mais detalhada de *O Fotógrafo*.

Entreato (I) – Edward Said e Jean Mohr: *After the last sky*

As reflexões de Edward Said a respeito da história Palestina estão associadas ao seu próprio percurso de vida – Said é palestino em terras americanas. A biografia do autor deixa suas marcas nos seus escritos, e isso é claramente uma opção sua. Ele costuma não negligenciar o uso da primeira pessoa em seus textos. *After the Last Sky: Palestinian Lives*, livro assinado por Said e pelo fotógrafo Jean Mohr, traz as fortes marcas de uma reflexão teórica e biográfica, além de dialogar texto e imagem.

A história de Said é bastante conhecida, ressaltada com frequência por ele próprio em seus textos e ações de ativismo político em prol da causa palestina. Nascido em Jerusalém, aos 12 anos de idade se mudou, com a família, para o Egito, e mais tarde imigrou para os Estados Unidos, onde conquistou um nome renomado na academia e viveu pelo resto da vida. Said é bacharel e mestre em artes e doutor em literatura inglesa. Mohr é filho de pais alemães, nascido na Suíça e por isso naturalizado, assim como toda a família, suíço. O fotógrafo se formou em economia e fez mestrado em ciências sociais e econômicas. Essa ligeira biografia dos autores revela, em parte, a multiplicidade de pontos de vista que, juntos, produzem.

Said e Mohr se conheceram em 1983, quando Said estava trabalhando como consultor para as Nações Unidas em ocasião da *International Conference on the Question of Palestine*, na qual Mohr contribuiu com fotografias tiradas nos territórios ocupados por Israel. Nesse encontro, os dois resolveram trabalhar juntos, usando fotografia e texto, “to say something that hasn’t been said about Palestinians” (SAID; MOHR. 1999, p. 4). O objetivo da dupla era desconstruir a visão do senso comum (especialmente o americano) sobre os palestinos, normalmente de caráter acusatório, polêmico e relacionado ao terrorismo; mostrar as condições de vida palestina a partir de um outro ponto de vista. Os palestinos são retratados, no livro, como pessoas comuns em seus afazeres

diários, na intimidade do lar, no exercício de sua profissão e por aí vai. A máscara do terrorismo é derrubada, deslocada.



Imagem 1 (SAID; MOHR, 1999, p. 15)

After the Last Sky é dividido em capítulos, e o texto no interior de cada um dos capítulos é subdividido em partes. Fotos e textos se alternam ao longo do livro. Essa fragmentariedade, somada à diversidade de temas, histórias, reflexões, memórias, é justificada por Said pela própria história palestina. Por ser marcada pelo exílio e pela despossessão, nenhuma narrativa linear daria conta de capturar a complexa realidade da experiência palestina. A escolha por abordar a história (ou histórias) palestina de forma fragmentada e não conclusiva sugere uma estratégia de produção que aponta para verdades inerentemente

parciais, portanto, comprometidas e incompletas. Em *After the Last Sky*, forma e conteúdo caminham unidos e a questão palestina, ao invés de ser considerada apenas através de seus aspectos políticos, ganha uma visão dupla, tanto ética quanto estética (MITCHELL, 2009, p. 274). Sobre a construção do livro, Said afirma:

Its style and method – the interplay of text and photos, the mixture of genres, modes, styles – do not tell a consecutive story, nor do they constitute a political essay. Since the main features of our present existence are dispossession, dispersion, and yet also a kind of power incommensurate with our stateless exile, I believe that essentially unconventional, hybrid, and fragmentary forms of expression to the one usually encountered in the media, in works of social science, in popular fiction. (SAID; MOHR, 1999, p. 6)

O modo dialógico de construção de *After the Last Sky* chama para si uma rica multiplicidade de discursos e influências, negando a narrativa linear clássica e a substituindo por formas menos tradicionais de escrita sobre culturas, em uma estratégia que, com seus próprios limites, problematiza a sua representação.

Said levanta questões que deixa em aberto. A investigação de Said e Mohr sobre a vida e a cultura palestina faz parte de uma busca de Said por uma autorrepresentação identitária palestina, apontada a necessidade de reflexão por parte dos palestinos sobre si mesmos. As perguntas são formuladas, mas nenhuma resposta é dada. O intuito dos autores é construir uma história para a Palestina, ao mesmo tempo em que trabalham com a ideia de descontinuidade e dispossession. Por isso, *After the Last Sky* trabalha com a dialética do exílio e da superação, do estranhamento e da reunificação (MITCHELL, 2009, p. 272).

O texto de Said é um híbrido de estilos. Como venho dizendo, existe inclusive um teor autobiográfico em seus escritos, uma vez que a sua própria história de vida constantemente atravessa as questões políticas da história palestina decorrentes da ocupação do Estado palestino por Israel. Ele escreve na primeira pessoa. Ao se referir aos palestinos, usa o pronome “nós”, projetando sua voz a partir de ponto de vista interior. Porém, apesar de o autor ser palestino, ele é também americano, e essa outra voz complexifica sua escrita. Said assume uma postura dupla. Esse jogo de pontos de vista (interno, externo; oriental, ocidental) tem continuidade nas fotografias de Mohr. Como afirma Said, o

fotógrafo retrata os palestinos como eles próprios gostariam de ser vistos; um olhar próximo, embora *outsider*.

Em *After the Last Sky*, texto e imagem podem ser lidos separadamente, mesmo sendo complementares. Cada uma das fotos de Mohr traz uma legenda, com data, local e às vezes alguma informação adicional sobre a situação retratada; mas nem sempre. Nem todas as fotos são comentadas por Said. Às vezes, o texto parte de uma leitura simbólica da foto para chegar a reflexões mais amplas sobre a condição dos palestinos, e ,outras vezes, as fotos aparecem próximas a uma seção do texto que apresentam um universo temático semelhante, mas não chegam a ser citadas. As estratégias variam. Uma foto pode levar Said a explorar memórias distantes de sua juventude ou a projetar a imagem de um presente em emergência a um futuro esperançoso.

Said comenta sobre a díade observador-observado:

I would like to think, though, that such a book not only tells the reader about us, but in some way also reads the reader. I would like to think that we are not just the people seen or looked at in these photographs: We are also looking at our observers. (...) We are more than someone's object. We do more than stand passively in front of whoever, for whatever reason, has wanted to look at us. If you cannot finally see this about us, we will not allow ourselves to believe that the failure has been entirely ours. Not any more. (SAID; MOHR, 1999, p. 166)

Said reivindica a posição ativa e reflexiva dos palestinos. Eles também estão nos observando: são personagens que parecem olhar para nossos olhos de leitores, exigindo uma mudança no ponto de vista principalmente do ocidente e das opiniões usuais sobre os conflitos entre Palestina e Israel. Mohr, na foto a seguir, que recebe a legenda “o fotógrafo fotografado”, parece compartilhar deste ponto de vista.



Imagem 2 (SAID; MOHR, 1999, p. 167)